

O SILÊNCIO EM TODOS OS SENTIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DO SOM RADIOFÔNICO.¹

Kamilla Medeiros do Nascimento²
Henrique Sérgio Beltrão de Castro³

RESUMO

Este estudo tem relação com o programa de extensão Rádio Plural, do qual fazem parte os projetos de extensão “Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz”. Ambos os projetos são emissões veiculadas na Rádio Universitária FM 107,9, sendo esta uma emissora da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), que busca levar à comunidade a educação não formal e a produção cultural da Universidade Federal do Ceará (UFC). O presente trabalho visa reconhecer o silêncio presente no meio radiofônico, no programa Todos os Sentidos. Interessante estudar acerca do silêncio justamente em um programa de rádio; o que se pretende entender a partir disso é que no som existe a presença e a ausência, o som está permeado de silêncio, como já diria José Miguel Wisnik, em seu livro “O Som e o Sentido – Uma Outra História das Músicas”. Essa obra ajuda a pensar sobre a natureza física e significativa do som.

PALAVRAS-CHAVE: Som Radiofônico ; Rádio Plural ; Silêncio.

ABSTRACT

This study is related the extension program Radio Plural, which comprises the extension projects “Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz” (All Senses and No Borders Plural for Peace). Both projects are voiced broadcasts on FM 107.9 Radio University, this being a broadcaster from Ceará Foundation for Research and Culture (FCPF), which seeks to bring the community non-formal education and cultural production, Federal University of Ceará (UFC). This work aims to recognize this radio silence in the middle, in the program “All Senses”. Interesting study about the silence precisely at a radio program, which intends to understand from this is that there is sound in the presence and absence, the sound of silence is permeated, as has say Jose Miguel Wisnik, in his book "The Sound and Direction - Another History of Music. "This work helps to think about the physical nature of sound and meaningful.

KEYWORDS : Sound radio ; Plural Radio ; Silence.

¹ Ação de Extensão: Rádio Plural (Sem Fronteiras: “Plural pela Paz” e “Todos os Sentidos”)

² Aluna do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará

³ Poeta, radialista, pesquisador e professor da Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Projeto de Extensão Rádio Plural (Sem Fronteiras: “Plural pela Paz” e “Todos os Sentidos”).

1. INTRODUÇÃO

O senso comum aponta que o fazer e o ouvir radiofônico se permeiam somente da presença de som, a autora Eni Orlandi (1997, p.13) descreve: “O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. Essas afirmações encontram-se no seu livro “As Formas do Silêncio – No Movimento dos Sentidos”, obra necessária para entender a complexidade e fluidez do silêncio, em suas mais variadas formas. Também serão uma fonte básica, os estudos de Armand Balsebre sobre a classificação da linguagem radiofônica em quatro aspectos (complementares), que, por sua vez, dão caráter expressivo ao rádio. Enfim, a reflexão sobre o tema é importante e se faz cabível diante de um meio tão sonoro (presença) como o rádio aparenta ser, mas podemos também reconhecer nesse meio o sentido (ou os múltiplos sentidos) que o silêncio pode proporcionar a essa experiência. Mais uma vez é preciso dizer: não existe som sem uma pausa. Vamos procurar entender o que essa pausa pode significar tomando como exemplo a experiência do programa *Todos os Sentidos*, no que se refere ao discurso empregado e não somente ao silêncio físico. O que nos importa agora é entender que o *Todos os Sentidos* pretende ser um espaço de visibilidade (a discussão), de proporcionar às pessoas com deficiência de se colocarem (seja verbalmente ou não), afinal já sabemos que “sempre se diz algo a partir do silêncio” (ORLANDI, 1997,p.23), sobretudo no meio radiofônico.

O som: impulsões e repousos

Neste momento será necessário destrinchar as características constituintes do som para que possamos avançar no entendimento das propriedades do silêncio. Para isso compartilho o pensamento do autor brasileiro José Miguel Wisnik, que logo no início de seu livro “O Som e o Sentido – Uma Outra História das Músicas” nos apresenta à física e à metafísica do som. A partir disso sabe-se que o som é onda, ou seja, ele sucede no tempo em um dado período. Em outras palavras: é um evento que se repete dentro de certa uma frequência. Podemos entender a onda sonora, de um modo simples, como partidas e

contrapartidas de movimentos, como impulsos e repousos. Imagine o som como uma montanha russa, na qual podemos perceber claramente os ímpetos, e quando se chegar ao ápice, naturalmente haverá uma queda, um repouso necessário (o silêncio). O movimento sonoro acontece graças a esse ciclo de oscilações.

A partir disso, pode-se observar que o som é movimento, essencialmente complementar, sempre partindo para algum lugar e ao mesmo tempo, o contrário. Segundo o autor, é justamente por essa característica oscilatória que o som representa em diversas culturas o modelo de vitalidade, a essência universal, o movimento permanente. Um exemplo claro dessa representação é o círculo do Tao, contendo o *yang* (ímpeto) e o *yin* (repouso). Vale salientar que o próprio símbolo taoísta possui uma onda, representando o movimento do som como a vida em harmonia.

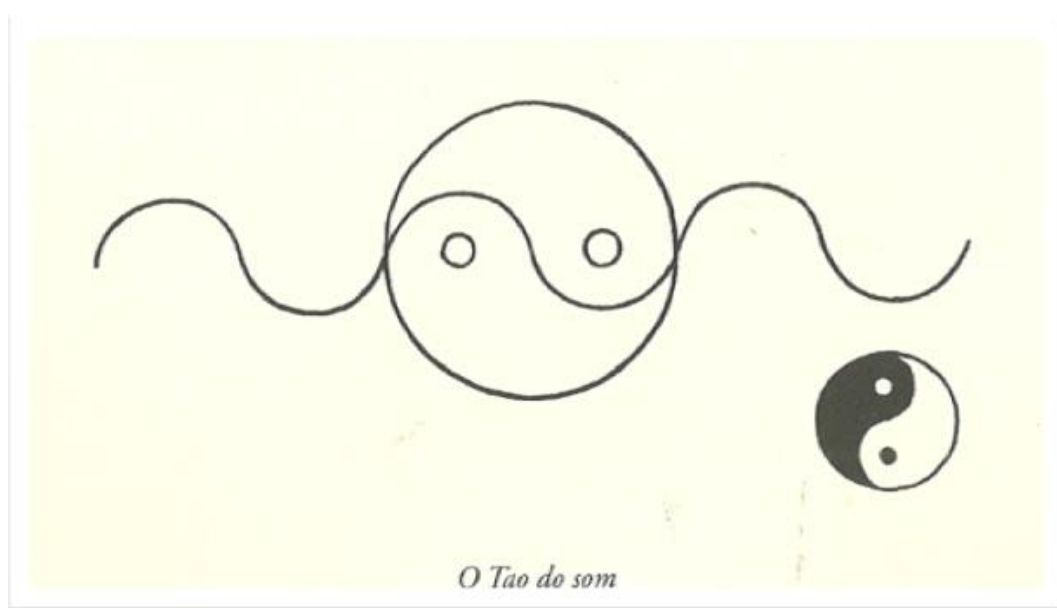


Figura 1: O símbolo do taoísmo e sua relação com a onda sonora.

Já sabemos que a onda sonora é constituída de um sinal (frequência) que, por sua vez, se apresenta e se ausenta. Sem essas interrupções (ausências) o som não duraria, tão pouco começaria. Como foi dito na introdução do trabalho, não existe som sem pausas. O autor deixa bem claro seu pensamento no trecho a seguir.

O som é presença e ausência, e está, por menos que isso apareça, permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quantos sons no som, e por isso se pode dizer, com John Cage, que *nenhum som teme o silêncio que o extingue*. Mas

também, de maneira reversa, há sempre som dentro do silêncio: mesmo quando não ouvimos os barulhos do mundo, fechados numa cabine à prova de som, ouvimos o barulhismo do nosso próprio corpo produtor/receptor de ruídos (...) (WISNIK, 2007, p.18).

Para finalizar as questões físicas do som, de acordo com o autor é interessante entender os sons como emissões pulsantes que são interpretadas a partir de pulsos somáticos, corporais e psíquicos. Essas emissões não são simples e unidimensionais, são, na verdade, complexas por excelência, sobrepostas umas às outras e interferem umas nas outras constantemente. Sem esse “caos” não haveria música, por exemplo. A partir desse ciclo infundável de pulsos estáveis e instáveis, é que podemos produzir/receber sons e silêncios. Este último, decrescente em intensidade, remete geralmente à debilidade, à fragilidade e à morte. Essa “morte do som” muitas vezes é considerada algo negativo, no entanto, o que podemos concluir a despeito das propriedades do som, é que o silêncio como morte, antes de tudo, antecede à vida. E não devemos considerar o silenciar desconfortável, a ausência complementa a presença, uma necessita da outra. Sem isso entraríamos em colapso.

A expressividade do rádio: aspectos de sua linguagem e o lugar do silêncio

De acordo com Armand Balsebre (2005), os elementos fundamentais da linguagem radiofônica se constituem a partir de expressões sonoras e não sonoras, sendo elas: a música, a palavra, os efeitos sonoros e o silêncio. Nosso interesse é vislumbrar o papel que o silêncio desempenha dentro desse sistema expressivo do rádio. No entanto, existem alguns autores que contestam a sua importância, como por exemplo, Mariano Cebrián Herreros (1995:364) ao afirmar que o silêncio é a ausência do que sobra dos outros componentes da linguagem radiofônica e que ele não faz sentido por si só, mas concorda que a ausência de som em um determinado momento pode significar mais do que a presença do mesmo. Com isso, já sabemos que não podemos subestimar o poder que o silêncio carrega. Para o autor:

O silêncio também delimita núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo: o silêncio é a língua de todas as fortes paixões, como o amor, o medo, a surpresa, a raiva. Quanto mais intenso for o sentimento, menos palavras poderão defini-lo. O silêncio é ainda um elemento distanciado que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem (BALSEBRE, 2005, p.334).

Dito isso, podemos observar que o silêncio para o rádio não é apenas uma mera ausência de sonoridade, pois, a partir dele também se produzem significados. Uma pausa que o radialista ou o técnico de som faça provavelmente terá várias interpretações, não somente o “vazio” que o senso comum teima em supor. Veremos mais adiante as potencialidades que o silêncio pode proporcionar no caso do programa *Todos os Sentidos* da Rádio Universitária FM 107,9. Por ora, vamos seguir para o entendimento dos sentidos que cabe no silêncio.

Os silêncios possíveis e os sentidos produzidos

Neste momento, trataremos do silêncio para além de seu aspecto físico (como já foi feito logo no início). Para contemplarmos as outras faces do silêncio, daremos importância ao discurso feito a partir dele, os sentidos/significados produzidos.

Segundo Eni Orlandi, “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no silêncio e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras;” (ORLANDI, 1997, p. 11). Da mesma forma que o som, o silêncio é movimento, ele nunca fica parado, ele sempre busca novos caminhos. Sendo assim, é importante percebê-lo como horizonte, uma iminência dos sentidos. Para a autora, o silêncio adota múltiplas formas, ele pode atravessar as palavras, ele existe entre as palavras, ele indica que o sentido de algo pode ser outro ou pode estar presente naquilo que nunca se diz. Diante disso, ele é considerado como um elemento “fundante” de significados, ou melhor: “Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que: elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas silenciam” (ORLANDI, 1997, p. 14).

O silêncio é a garantia de que haverá movimento de sentidos, segundo a autora. Ele não é apenas complemento de linguagem, ele tem significância própria e possui caráter

necessário. Porém, ele não deve ser entendido como o “tudo” da linguagem, ainda de acordo com a autora, pois o silêncio representa as possibilidades de se significar. Dito isso, Orlandi (1997) distingue os tipos de silêncio em: a) o silêncio fundador; b) a política do silêncio, que se subdivide em b1) silêncio constitutivo e b2) o silêncio local. A seguir, iremos entender cada um desses tipos. O que podemos concluir inicialmente é que o silêncio é muito mais profundo do que imaginávamos, ele vai além do “calar-se”.

Antes de qualquer coisa, é importante perceber também a relação existente entre a palavra e o silêncio. “O ato de falar é o de separar, distinguir e paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Este gesto disciplina o significar, (...). A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente.” (ORLANDI, 1997, p. 29).

Segundo Orlandi, o “homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, (...). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.” (ORLANDI, 1997, p. 32). Sendo assim, podemos dar início à outra discussão: “o império do verbal”. Viver em sociedade, na maioria das vezes, implica o uso da linguagem verbal. Há o uso recorrente de traduzir o silêncio em palavras. No entanto, para a autora é necessário assumir que “(...) o silêncio não fala. O silêncio *é*. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é*.” (ORLANDI, 1997, p. 33). Ou seja, não há como traduzir o silêncio em palavras, ele apenas está lá. O silêncio não pode ser visualizado, ele não pode ser observado. Ele perpassa as palavras, com sua fluidez.

Quando dizemos que o silêncio não pode ser observado de maneira verbal, isso não significa que “estar em silêncio” não represente algo.

Para nosso contexto histórico-social, um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem que abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a idéia de silêncio como vazio, como falta. Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas. (...) Quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o “pensamento”, a introspecção, a contemplação etc. (ORLANDI, 1997, p. 37).

Esse trecho em especial remete claramente ao modo como o senso comum interpreta as pessoas que de alguma maneira não oralizam (ou seja, não adotam uma linguagem verbal), e sendo assim, não se comunicam, não produzem sentidos. Sabemos,

no entanto, que tal premissa está equivocada. Podemos ter como exemplo pessoas surdas que não são oralizadas, mas somente por estarem em “silêncio” não justifica dizer que não estão produzindo sentidos. Ora, a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) é um exemplo primordial de que mesmo as pessoas “silenciadas” sob o aspecto físico do som, existe sim significação, há comunicação, independente de qualquer ausência de som.

O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isto se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. Ao mesmo tempo, espera-se que se esteja produzindo signos visíveis (audíveis) o tempo todo. Ilusão de controle pelo que “aparece”: temos de estar emitindo sinais sonoros (dizíveis, visíveis) continuamente. (ORLANDI, 1997, p.37).

Podemos agora adentrar nos tipos de silêncio que a autora classifica. A primeira forma é o *silêncio fundador*, que é o princípio de toda a significação. A autora deixa bem claro que não estamos falando do silêncio físico, mas de sentido. Não estamos nos referindo ao vazio, tão pouco à ausência das palavras, estamos nos referindo ao silêncio que antecede, separa e atravessa as palavras, um estado de iminência. Ou seja, para falar partimos sempre do estado de silêncio. Pode parecer algo abstrato a princípio, mas se nos concentrarmos, perceberemos a nossa relação constante e necessária com o silêncio.

Avançamos para a segunda forma de classificação, a *política do silêncio*, que divide-se em: *silêncio constitutivo* e *silêncio local*. Será mais fácil a compreensão desses tipos, mas ainda sim é preciso se atentar aos detalhes. A autora esclarece que essa definição está relacionada com a contextualização sócio-histórica, particularmente em relação ao “poder-dizer”, quando dizemos algo automaticamente apagamos outras possibilidades de sentidos. Se escolhermos uma determinada palavra, por exemplo, necessariamente outras palavras serão silenciadas por nossas escolhas, o nosso discurso é moldado constantemente a partir disso. Sendo assim, a autora diz: “A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo.” (ORLANDI, 1997, p. 75).

Podemos notar novamente a relação complementar que o silêncio estabelece com a palavra. Se você diz “A” para não dizer “B”, o sentido deste último será descartado. Este é

o limiar do silêncio constitutivo. Ao passo que para dizer alguma coisa se apaga outras possibilidades, podemos concluir “(...) que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras.” (ORLANDI, 1997, p. 76).

No que tange a terceira e última forma de classificação, o silêncio local, podemos tomar como exemplo a censura. “Trata-se da produção do silêncio sob a forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido.” (ORLANDI, 1997, p. 77). Não há mistério, a censura possui laços estreitos com a opressão, uma vez que se proíbem determinadas palavras para proibirem os seus sentidos. Podemos concluir, diante disso, que o silêncio é inerente à nossa formação como sujeitos e aos sentidos que produzimos, sentidos esses que dizem respeito ao que expressamos, ao nosso modo de vida.

Programa Todos os Sentidos – a polissemia do silêncio

Podemos dizer que o que foi trabalhado até esse momento serviu como norteador para o que vamos discutir a seguir. Foi dito que o silêncio não é mero coadjuvante no processo de produção de sentidos, ele é tão ou mais necessário do que as palavras (presença de som). Também já sabemos que o silêncio vai além dos aspectos físicos, ele está presente em nossos discursos. Acredito que estas expressões populares podem ser bons exemplos disso: “Escolha bem suas palavras” ou “Meça suas palavras”. A todo instante estamos fazendo escolhas, estamos produzindo sentidos com as palavras e com o silêncio.

O programa de rádio *Todos os Sentidos* trabalha o silêncio em alguns aspectos, e para isso tentarei apontar exemplos dessas ocorrências. No entanto, antes de iniciar essa análise, preciso apresentar a proposta do programa. Pautado pelo bordão “Para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência” (de autoria do coordenador Henrique Beltrão), o *Todos os Sentidos* é apresentado ao vivo desde 08 (oito) de janeiro de 2003 (dois mil e três) pela Rádio Universitária FM 107,9 às quartas-feiras a partir das 14h (quatorze horas). Tem como proposta contemplar temas relacionados com as pessoas com deficiência (PcD), além de saúde em geral e cultura. O objetivo é compartilhar esses momentos radiofônicos não

somente com as PcD, mas também com todas as pessoas que as amam, as respeitam, as ajudam e as compreendem, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola/universidade, em eventos culturais/científicos etc. Tendo dito a proposta, passamos agora para o formato do programa. É constituído de uma emissão radiofônica semanal temática, composta por entrevistas com convidados, além de contar com notícias, divulgações culturais, citações, músicas e poemas. Tudo isso sempre relacionado com o tema a ser trabalhado em cada emissão. A equipe de produção é composta por estudantes dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, ao lado do produtor e locutor do programa, Henrique Beltrão (também poeta, radialista e professor da UFC). A interação com o público ouvinte acontece através do telefone da rádio, por email institucional do programa, pelas redes sociais ou mesmo pessoalmente, a partir de comentários sobre as emissões ou perguntas aos convidados. Em muitos casos, os ouvintes se tornam colaboradores importantes, sugerindo pautas, por exemplo.

Dito isso, podemos partir para os aspectos do silêncio encontrados no programa. Considero que o programa compreende bem a importância que o silêncio imprime na produção de sentidos. Se lembrarmos do que foi dito sobre o silêncio político, fica fácil entender o motivo dessa afirmação. A partir do momento que o *Todos os Sentidos* toma como temas assuntos que normalmente não são abordados na mídia em geral, as escolhas feitas pela equipe de produção não silenciam o discurso das pessoas com deficiência. Claro que a regra de falar uma coisa e não dizer outra está posta aí também, mas optamos por pautar o que normalmente não seria pautado em outros meios de comunicação. Nosso objetivo é chegar justamente onde o acesso é difícil e, muitas vezes, subestimado. Estamos falando do silenciamento no discurso da sociedade perante as PcD. Elas compartilham das mesmas aflições e alegrias que as pessoas ditas “normais”, denominação essa totalmente equivocada. Podemos entender que o silêncio vai muito além do “não fazer barulho”.

Há outro aspecto interessante do silêncio no programa e para expô-lo tomarei como exemplo duas emissões, veiculadas nos dias 31 de julho de 2013 e 28 de agosto de 2013, respectivamente. O tema de ambas as emissões foi Surdocegueira, a ausência congênita da visão e da audição, de tal forma que a combinação das duas deficiências pode causar dificuldades educacionais, laborais, de lazer e sociais, no entanto nada disso quer dizer que

seja impossível. Com o acompanhamento adequado e os afetos necessários a possibilidade de dificuldades diminui.



Figura 2: Podemos observar as convidadas Helyeine Karen Oliveira (à esquerda) e Lucimeire Alves Moura (à direita) se comunicando através da Libras Tátil (usada pela comunidade surdocega). Programa veiculado no dia 28 (vinte e oito) de agosto de 2013 (dois mil e treze), às 14h (quatorze horas), na Rádio Universitária FM 107,9. (Foto: Kamilla Medeiros, arquivo da produção.)

No momento em que essa foto foi capturada, ambas as convidadas não falavam os ouvintes não poderiam saber o que estava acontecendo se não fosse o locutor descrever o que se passava. Mesmo assim, houve instantes de silêncio, que podem ter “dito” mais sobre a surdocegueira do que uma simples explicação. E como a autora Eni Orlandi bem diz: “Isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isto faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionamentos com o mundo, com as coisas e com as pessoas.” (ORLANDI, 1997, p. 24).

2. CONCLUSÕES

Primeira conclusão

Não há muito mais a ser dito sobre o silêncio, seria repetitivo. O que pretendi trabalhar neste artigo diz respeito ao nosso discurso, não devemos silenciar temas tão importantes como os relacionados às pessoas com deficiência. A linguagem radiofônica é rica, e o silêncio (físico ou de sentidos) faz parte disso e não deve ser encarado como indesejado. Nossa convidada surdocega, Helyeine Karen Oliveira, por exemplo, marcou sua participação no programa de um modo singular, seu silêncio produz muitos sentidos, dentre eles o de jamais ignorar as pessoas com deficiência, por aparentemente terem dificuldades.

Como resultado de reflexão, entendo que o bordão do programa poderia ser completado da seguinte maneira “Para levar ao ar a voz e os silêncios das pessoas com deficiência”. Seria justo esse acréscimo, tendo em vista tudo o que foi discutido anteriormente.

Para finalizar, gostaria de citar mais uma vez a autora Eni Orlandi, para deixar no ar e no texto o valor intrínseco e a pluralidade do silêncio: “(...), há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, (...)” (ORLANDI, 1997, p. 44).

Segunda conclusão

Fiquemos em silêncio.

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. A Linguagem Radiofônica. In: **Teorias do Rádio – textos e contextos - Volume 1**. Org: Eduardo Meditsch. Florianópolis: Insular, 2005.

CEBRIAN HERREROS, Mariano. **Información radiofónica**. Madri: Síntesis, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido: Uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.